

Capítulo 6

APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS EM CONTEXTO DE SUPERVISÃO CLÍNICA



APLICACÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS EM CONTEXTO DE SUPERVISÃO CLÍNICA

APPLICATION OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN THE ACQUISITION OF KNOWLEDGE IN THE CONTEXT OF CLINICAL SUPERVISION

Marco José Barbas Pinto¹

Resumo: O ensino de Enfermagem acompanha as incertezas de uma atualidade mutável diariamente, através da descoberta e introdução de novos conhecimentos científicos, aliando a angústia presente devido a um turbilhão de dados que emergem compulsivamente, por vezes até sem os anteriores dados terem sido verdadeiramente assimilados. A exigência da sociedade em que estamos inseridos, obriga-nos a aprendizagens e atualizações constantes, ao longo da vida.

Palavras Chaves: Supervisão – Comunicação – Tecnologia – contexto de supervisão

Abstract: Nursing education accompanies the uncertainties of a changing reality on a daily basis, through the discovery and introduction of new scientific knowledge, combining the present anguish due to a whirlwind of data that compulsively emerge, sometimes even without the previous data having been truly assimilated. The demands of the society we are part of force us to learn and constantly update throughout our lives.

¹ Enfermeiro especialista em enfermagem médico-cirúrgica na vertente do doente crítico no serviço de Urgência. Enfermeiro de ambulância pre hospitalar suporte imediato de vida. Professor adjunto convidado

Keywords: Supervision – Communication – Technology – supervision context

A Enfermagem é uma ciência que tem vindo a crescer e a afirmar-se como tal, dando evidência aos seus conhecimentos e saberes, como afirmam Ataka e Oliveira “Com os avanços na área, o desenvolvimento técnico científico e a produção científica, a enfermagem passou a ser caracterizada como uma profissão e/ou ciência.” (2007, p. 20). Como ciência em crescimento, a Enfermagem, tem vindo a utilizar Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) . Por conseguinte, prende-se no âmbito da formação o uso destas, aliados à prática de Supervisão Clínica. Alarcão e Tavares, citados por Silva (2007) definem Supervisão como “um processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional”. Adell (1997), Cabero (2007), Damásio (2007) e Area (2009), citados por Arco (2009), definem Tecnologias da Informação e da Comunicação como “o conjunto de processos e produtos derivados das novas ferramentas (hardware e software), suportes de informação e canais de comunicação, com vista ao seu tratamento e acesso, relacionados com o armazenamento, processamento e transmissão, digitalizada da informação”, trazendo grandes mudanças ao Homem, nomeadamente à maneira de comunicar com os seus semelhantes e ao emergir de novos desafios na área da formação.

As TIC, ao dispor dos sistemas educativos, tem como função ser um instrumento de transmissão, aquisição e partilha de conhecimentos, de pesquisa, análise e resolução de problemas, de conhecimento e de aproximação entre culturas e pessoas (Santos, 2007).

Segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira (1969), citada por Luzio (2006), define formação como “a ação de preparar alguém para um ofício, ajudar alguém a adquirir determinadas qualidades”, traduzindo-se numa modificação de comportamento (s), relativamente estáveis, favorecendo a crítica e a inovação. No que se refere à Enfermagem e à formação de novos profissionais, detentores



de competências, alicerçadas em conhecimentos sólidos, inovadores, críticos, capazes de trabalhar em equipa, gerindo a certeza e a complexidade dos cuidados em Enfermagem, a parceria entre instituições de saúde e ensino deve assumir um papel preponderante. Parte significativa da formação do estudante é realizada em situação real, com a colaboração dos profissionais na prática, no papel de supervisor, propiciando ao estudante o desenvolvimento de capacidades, atitudes e conhecimentos que contribuam para o “desenvolvimento de competências nas dimensões cognitivas, comunicativas, atitudinais e técnicas” (Simões, 2007). Neste processo o docente deve ter o papel de mediador e facilitador, proporcionando recursos e meios diversificados de aprendizagem, promovendo a motivação constante dos estudantes, de forma a atingir aprendizagens significativas e saberes transferíveis para novas situações (Luzio 2006). Alarcão e Tavares trazem a ideia da “Supervisão Pedagógica e formação de formadores entre as necessidades de qualificação dos professores para o desempenho de determinadas funções educativas. Segundo Oliveira, citado por Silva (2007)

“legislação recente no domínio da autonomia das escolas vem alargar o conjunto de responsabilidades pedagógicas e administrativas que lhe são cometidas. Em consonância com o aprofundamento da autonomia das escolas, são reforçadas as responsabilidades das Estruturas de Orientação educativa, enquanto estruturas de gestão intermédia (DL n.º115-A/98 e decreto Regulamentar n.º10/99), tendo por o efeito tendo sido criado cargos de coordenação, definidas as suas funções e estabelecido o tipo de formação que os docentes preferencialmente deverão possuir para o desempenho dessas funções”.

No que diz respeito à Supervisão Clínica, Alarcão e Tavares, citados por Silva (2003), a Supervisão Clínica

“constitui um verdadeiro projeto de investigação dos professores sobre o seu próprio ensino, através de um caminho metodológico que inclui a experien-

cia, conceptualização, ação, observação, reflexão e avaliação. Além disso, enquadra-se no tipo de formação que vai ao encontro dos processos de desenvolvimento do adulto (...), devem combinar ação e reflexão e assentar numa relação de confiança e abertura entre colegas, entusiasmo e satisfação no trabalho, e descoberta da razão de ser das atividades que se praticam”.

Supervisionar obriga ao conhecimento dos diferentes papéis desempenhados neste processo, através do estabelecimento de um relacionamento próximo estudante /supervisor, conferindo segurança e confiança, propícias à aprendizagem, bem como a identificação dos diferentes estádios do estudante face aos conhecimentos e práticas adquiridas. Os supervisores devem ser peritos na prática de enfermagem, com capacidade de análise e avaliação das atividades em contexto de trabalho, com a experiência na orientação clínica, capacitados para conferir ao estudante a ajuda necessária para a aquisição de competências profissionais.

O estudante deve, segundo Luzio (2006), ser construtor do seu próprio saber e do respetivo processo de aquisição, em detrimento de um mero recetor de conhecimento inerte. Para Carneiro (2003), citado por Luzio (2006: 69) “quanto mais ativo for o conhecimento, tanto mais facilmente ele poderá viajar por situações novas e complexas: tratar-se-á de um saber utilizável em contextos diferentes e capazes de solucionar problemas desconhecidos”.

As TIC passaram a ocupar, atualmente, um lugar essencial no nosso quotidiano, e tornaram-se igualmente uma ferramenta de trabalho indispensável para muitas profissões. No campo da saúde e dos seus serviços de gestão, fomentam a melhoria dos cuidados prestados aos utentes. Traduzem ainda aplicabilidade no “apoio às atividades existenciais, na gestão dos serviços de saúde, na formação e competência dos profissionais de saúde e na pesquisa científica efetuada” (Arco, 2010; Silva, 2007).

Como já foi referido, o indivíduo terá de ser um participante ativo e autónomo, aprendendo



a aprender ao longo da vida. Este é obrigado a desenvolver habilidades, que possibilitem adquirir informação, selecionando, organizando, interpretando e estabelecendo conexões significativas com os saberes anteriores. A competência para aprender a aprender está relacionada com uma perspectiva de aprendizagem que dá um papel relevante à utilização de estratégias e métodos de estudo eficazes. A promoção de hábitos de trabalho, a procura e seleção de informação substancial são alguns dos requisitos essenciais para que o estudante possa levar a cabo a sua investigação na busca do conhecimento (Santos 2007).

As TIC constituem um instrumento de mediação no processo de construção do conhecimento, integrantes quer na formação inicial, quer na atualização e renovação de conhecimentos.

No processo ensino/aprendizagem, as TIC assumem algumas funções incontornáveis. Assim Graells (2001), citado por Luzio (2006), enumera algumas funções. Em primeiro as TIC surgem com a função de fornecer informação, por meio de vídeos e programas informáticos, entre outros; de seguida, conduzem à aprendizagem, instruindo os utilizadores a organizar, relacionar e adquirir informação. Igualmente exercitam competências, através do treino/uso repetido de programas (simulações), de modo a melhorar a sua destreza. Servem ainda de motivadores, despertando maior interesse para o estudante.

O uso das mesmas não pode nem deve ocupar ou retirar o papel do professor no processo de aprendizagem. Se pensarmos nestas mudanças e nas implicações que podem ter nos processos ensino/aprendizagem ficamos confrontados com uma série de dúvidas mas também adquirimos algumas certezas. Uma é que o aproveitamento otimizado destas novas tecnologias implica uma mudança drástica das nossas formas de ensinar e aprender. O uso de textos, vídeos e sons (talvez até o aproveitamento de outros sentidos) pode revolucionar os processos de ensino/aprendizagem. A palavra base deste tipo de ensino é "interatividade". Trata-se da mudança de um ensino onde é limitado o papel do aluno na busca de informação e em que ele se tenta adaptar à informação existente (alunos em sítios do interior onde não existem boas bibliotecas e livrarias têm de se conformar a essa situação) para um ensino em



que a informação se adapta ao aluno, onde quer que este se encontre.

Através do recurso a novas metodologias e estratégias de aprendizagem, de acordo com a perspetiva construtivista do conhecimento, o hipertexto possibilita novos caminhos para a aprendizagem pessoal, colocando ao dispor do estudante, diferentes opções, em que este assume o controlo do caminho a seguir. A panóplia de conteúdos ao dispor deste, atualmente, faz emergir uma desvantagem no uso das TIC, uma vez que nem toda a informação fornecida poderá ser considerada fidedigna, (Arco, 2010; Luzio 2006; Santos 2007).

Cachapuz (2004), citado por Santos (2007), refere que a “competência para aprender a aprender é definida como a capacidade de mobilizar estratégias adequadas para procurar processar, sistematizar e organizar informação (...), bem como avalia-la criteriosamente, tendo em vista transformá-la em conhecimento”. Aprender a aprender constitui uma finalidade da educação escolar, que está relacionada com dotar os estudantes de ferramentas que lhes permita aumentar os seus potenciais de aprendizagem, podendo as TIC ser instrumentos de mediação no processo de construção do conhecimento, (Santos 2007).

A introdução das TIC não deve ter como principal objetivo modificar os métodos, mas criar oportunidades para que se desenvolvam boas práticas, de forma a corresponder às necessidades da presente sociedade. Os nossos estudantes passarão a maior parte das suas vidas numa época de utilização extensiva dos computadores na sociedade, podendo-se questionar o importante papel da escola, responsabilizando-a neste campo. Da mesma forma, o enfermeiro supervisor, como mediador do saber teórico e prático, deve partilhar esta responsabilidade, no momento da prática clínica, quando pretende guiar o estudante na busca e consolidação do conhecimento.

Segundo Arco (2009), a dialética teórica-prática engloba o uso das TIC em ambos os campos. No que toca ao Ensino Clínico, em contexto de prática clínica, é possível ao estudante ultrapassar a barreira da distância entre a escola e os conhecimentos necessários para uma boa prestação de cuidados.



Cabe ao supervisor saber conduzir o estudante na sua pesquisa efetuada através das TIC, para que este possa filtrar a informação obtida, tornando-a fidedigna e significativa para a sua aquisição de conhecimentos. Tal condição só é possível através da utilização de elementos que possibilitem uma prestação profissional de qualidade. Tais elementos dividem-se em sistemas tutoriais e sistemas de simulação. Sistemas tutoriais prendem-se com o uso de instrumentos “para facultar informações sobre um ou mais temas”, no âmbito teórico. Por outro lado, os sistemas de simulação são “baseados em situações de vida real”, que pressupõem a interatividade do estudante com o doente, no que toca aos procedimentos técnico-científicos. Isto conduz a que haja perceção das dificuldades sentidas em contexto real, obrigando o mesmo à repetição de comportamentos para ultrapassar situações complexas e desconhecidas até aí. Sendo a incorporação das TIC uma necessidade incontornável no campo da saúde, resultado dos frequentes avanços tecnológicos, é exigido ao supervisor uma adaptação constante, sendo necessário uma capacidade inerente de evolução, aprendizagem e sentido crítico face às suas técnicas, assim como valores culturais, conceções de trabalho e do seu papel relativamente aos outros. Como tal, o próprio supervisor deve conseguir transmitir ao estudante estas constantes mudanças e adaptações, para que este consiga um pleno desenvolvimento quer de competências, quer de habilidades em contexto de ensino clínico e fora deste, em momento de consolidação de conhecimentos.

Arco (2010) diz que as TIC interferem diretamente na prestação de cuidados de saúde, progressiva e irreversivelmente, capacitando os indivíduos, grupos e comunidades, com conhecimentos, habilidades e competências, que possibilitem à resolução dos seus problemas, que se baseiam na quantidade de informação disponibilizada diariamente.

Podemos então sintetizar que as TIC possuem um papel preponderante no processo ensino-aprendizagem, como já tínhamos constatado anteriormente. Neste momento, inferimos que estas possibilitam novos modos de aquisição de competências, por meio de novas estratégias e paradigmas pedagógicos. Tal leva a que a incorporação clara das TIC no projeto educação não pode deixar de ser

uma realidade veemente, exigindo a todos os intervenientes uma papel ativo e constante, para acompanhar a mudança tecnológica a que os cuidados de saúde estão sujeitos na nossa sociedade.

Em Enfermagem, as TIC estão a gerar mudanças em variados campos de atuação, como por exemplo, a docência, a prestação de cuidados aos utentes, e a própria gestão dos serviços de saúde. Os estudantes, quer no contexto teórico, quer no prático, são confrontados diariamente com tais mudanças, pelo que se torna necessário a introdução, ensino e utilização das TIC na formação dos futuros profissionais de Enfermagem.

Em contexto de ensino clínico, particularmente, estas dificuldades tornam-se ainda mais notórias, quando os estudantes mudam de cenário, e as próprias TIC têm a sua especificidade, mediante o local escolhido para a prática clínica. Cabe ao supervisor clínico facilitar e mediar o conhecimento nos diferentes locais, para que o estudante se adapte e desenvolva competências, de forma a dar resposta às diferentes situações e dificuldades sentidas, em que são confrontados na prestação de cuidados. A não aquisição destas competências pode levar o estudante a um entrave na prestação de cuidados, sentindo-se incapaz de solucionar os problemas com que se depara. O supervisor deve saber reconhecer estas dificuldades e escolher a melhor estratégia para as colmatar, garantindo que as TIC não surgem como um pólo negativo no caminho traçado para o estudante, na sua prática clínica, mas sim como um meio facilitador para atingir um fim. Fim este que se prende com o uso pleno das TIC, aliadas à prestação de cuidados, para que o utente tenha acesso a cuidados de saúde com qualidade.

A rápida evolução da sociedade e as mudanças no sistema de saúde tornam este processo ainda mais importante, quando o estudante equaciona o seu ensino clínico. Desta forma, torna-se fulcral que a introdução das TIC seja iniciada em contexto escolar, como ferramenta docente complementar no processo ensino/aprendizagem, auxiliando na formação de novos enfermeiros, para uma realidade em que as TIC estão presentes e fazem parte do nosso quotidiano.

Referências Bibliográficas

Arco, A. (2009). Tecnologias da informação e da comunicação na educação em saúde: O caso da formação em enfermagem. *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa – RELATEC*, 8 (1), 105-125

Arco, A. (2010). Abarcando o presente, consolidando o futuro: A tecnologia educativa na saúde. In *Repositório Comum*. Acedido a 5 de Abril de 2013 em <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/2085>
Ataka, Tatiana; Oliveira, Lavinia Santos de Souza (2007). Utilização dos Protocolos de Enfermagem no Programa de Saúde de Família do Município de São Paulo. *Saúde Colectiva*, 03(13): 19-24. Acedido a 6 de Abril de 2013 em <http://redalyc.org/pdf/842/84201304.pdf>

Luzio, António Luís Gil (2006). *Novas tecnologias educativas e ensino de enfermagem um estudo sobre opiniões*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia em Ciências da Educação (Mestrado em Ciências da Educação), Lisboa.

Silva, Natália Maria Brochado Tavares da (2007). *Moodle e supervisão: uma estratégia para melhorar as aulas de substituição de física e química*. In *DSPACE da Universidade Portucalense*. Acedido a 5 de Abril de 2013 em <http://repositorio.uportu.pt/dspace/handle/123456789/114>

Simões, João Filipe Fernandes Lindo; Garrido, António Fernando da Silva (2007). Finalidade das estratégias de supervisão utilizadas em ensino clínico em enfermagem. In *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2007 Out-Dez; 16(4): 599-608. Acedido a 6 de Abril de 2013 em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a03v16n4.pdf>